Capítulo XXII — O cristianismo tornado sensível (continuação)

Conhecemos a necessidade e as belezas do culto exterior, suas vantagens religiosas e sociais; conhecemos a igreja e o cemitério, essa dupla morada onde se realizam todos os mistérios da vida e da morte; conhecemos a profunda sabedoria da esposa de Jesus Cristo no uso constante que faz da língua latina, pois a uma doutrina imortal é preciso uma língua invariável: resta-nos falar do tempo em que a Igreja exerce seu culto iniciador e a religião sua influência salutar.

Imagem móvel da imóvel eternidade, o tempo é o prazo concedido pela Justiça divina à raça humana para fazer penitência e reabilitar-se. Tal é o oráculo infalível da verdade[1]. Quantos erros dissipados, quantos sistemas derrubados, quantas luzes espalhadas, quantos pesares talvez suscitados em mais de uma alma por essa definição católica do tempo! Quantos anciãos aprendem aqui que se pode morrer aos cem anos sem ter vivido um dia!

Quando se reflete nessa simples definição e se lança um olhar sobre a face do mundo, não há razão para esconder o rosto nas mãos e sentar-se, como Jeremias, para chorar sobre as ruínas da inteligência? Homem, filho de um pai culpado e tu mesmo culpado, só tens um dia para lavar as manchas que sujam tua alma, e esse dia o empregas em sujá-la ainda mais; rei decaído, só tens um dia para reconquistar teu trono, e esse dia o empregas em perseguir fantasmas, em tecer teias de aranha; escravo do demônio, só tens um dia para quebrar teu jugo, e esse dia o empregas em rebitar tuas cadeias, e eis que vem a noite, a noite negra, profunda, imóvel da eternidade, em que ninguém poderá mais trabalhar, e tu não pensas nisso!

À definição do tempo sucede a divisão do ano adotada pela Igreja, divisão eminentemente filosófica, cujas três partes correspondem de modo admirável às três partes desta obra, como estas correspondem aos três estados da religião: antes, durante e depois da pregação de Jesus Cristo.

A primeira parte do ano, que compreende o tempo do Advento até a Natividade do Messias, nos recorda os quatro mil anos de preparação, os suspiros e as esperanças do mundo antigo, tais como os expusemos nesta introdução.

A segunda, que se estende do Natal até a Ascensão, encerra toda a vida mortal do Redentor e corresponde a nossa segunda parte.

A terceira, enfim, que começa em Pentecostes e termina em Todos os Santos, recorda a vida da Igreja, desenvolvida em nossa terceira parte[2]. Assim, essa vida da Igreja, essa sucessão de festas, essas diferentes divisões do ano, que nos retraçam toda a vida do gênero humano e toda a história do cristianismo, terminam pela festa do Céu. Com efeito, tudo conduz aí; pois o Céu é a última palavra de todas as coisas.

Festas. — Com nossos mestres na ciência sagrada, encaramos as festas cristãs como um aprendizado do Céu, como uma imagem fraca, é verdade, mas muitas vezes reproduzida, da festa eterna. Sede bendita, religião santa, cuja bondade maternal espalhou de distância em distância algumas flores e plantou algumas árvores de fresca sombra no caminho doloroso que o homem exilado percorre tão penosamente antes de chegar à sua pátria!

Esse nome de festas é por si só uma lição de alta filosofia. Esse nome, que contrasta de maneira tão penosa com as lágrimas, o trabalho e os males da vida terrestre, repete ao homem toda a sua história passada, presente e futura; leva-o ao temor de Deus, encoraja-o, consola-o lembrando-lhe seu destino primitivo, e sua queda, e sua redenção, e as alegrias sem mistura e sem fim que o esperam.

As festas fazem ainda mais: preparam o homem para a vida futura, desprendendo-o aos poucos da vida sensual, ao mesmo tempo que são para ele um alívio, uma trégua em seus penosos trabalhos.

Oh! quanto amor e quanta sabedoria da parte da Igreja, ou antes, do Pai celeste que a inspira, na instituição das festas! Que crueldade e que desrazão naqueles que querem aboli-las, naqueles que as degradam por sua conduta ou que as fazem violar por seus exemplos! Que mal fazem à humanidade! Tristes filhos de Adão, pobres, artesãos, lavradores, assalariados, todos vós que ganhais vosso pão com o suor de vosso rosto, os dias de festa foram principalmente estabelecidos para vós. Não é somente o interesse de vossa alma, é também o bem de vosso corpo que a Igreja se propôs na instituição de suas solenidades. O homem não é uma máquina; um trabalho incessante o esgota antes da idade. Não basta que tenha pão, diz Rousseau, são-lhe necessários ainda dias de repouso em que possa comê-lo em paz.

A sociedade mesma não está menos interessada em observá-las fielmente. Essa verdade, de que a cessação do trabalho em certos dias toca o fundamento dos Estados e de que a violação dos dias de repouso compromete o bem-estar até material da sociedade; essa verdade, desconhecida hoje mais do que nunca, nada negligenciamos para torná-la palpável[3]. Nunca se dirá demais: a religião, que parece não ter outro fim senão a felicidade da outra vida, faz ainda a felicidade desta.

Embora nosso principal objeto seja estudar as festas cristãs sob o ponto de vista histórico, dogmático, moral e litúrgico, guardamo-nos de negligenciar sua admirável harmonia com as estações e sua harmonia ainda mais admirável com as necessidades de nosso coração.

Cada uma de nossas grandes solenidades se celebra na estação mais própria para desenvolver os sentimentos que tem a missão de inspirar. Assim é que a criação física concorre para o fim da religião, e que uma e outra se referem ao bem daquele para quem foram feitas, ao bem do homem; e, pelo homem, se referem a Deus, princípio e fim de todas as coisas. Um exemplo tomado ao acaso basta para fazer tocar com o dedo essa verdade tão pouco conhecida.

Suponde que, em vez de se celebrar no inverno, a festa do Natal se celebrasse nos belos dias do verão. Não sentis logo enfraquecer-se essa piedade compassiva que inspira o recém-nascido de Belém? Que dificuldade em excitar em nosso coração, em meio aos calores abrasadores, esses sentimentos tão vivos por essa criancinha transida de frio! Recolocai o Natal em 25 de dezembro, e experimentais, como que a contragosto, essa terna compaixão pelo menino divino que nasce no meio de uma longa noite de inverno, numa gruta úmida, aberta de todos os lados ao sopro gelado do aquilão. Não vos espanteis: na primeira suposição há desacordo entre a festa e a estação; na segunda existe a harmonia, a ordem se restabelece, os obstáculos desaparecem, e sem esforço o coração sente tudo o que deve sentir[4].

Descendo ainda mais fundo nessas misteriosas harmonias, vemos que, no decorrer do ano, não há verdade que a Igreja não nos pregue, virtude que não proponha à nossa imitação, fibra de nossa alma que essa admirável variedade de festas não agite, a ponto de sermos levados a dizer de cada solenidade o que somos forçados a dizer de cada verdade cristã: Se ela não existisse, seria preciso inventá-la.

Notas

[1] … Totius christianæ vitæ quæ perpetua pœnitentia esse debet. — C. Trid., sess. XVI, 9.

[2] Não há aqui lacuna. Outrora o Advento durava seis semanas e começava em São Martinho, imediatamente depois da oitava de Todos os Santos. A Igreja de Milão, fiel a seus antigos usos, conserva ainda as seis semanas do Advento primitivo. O mesmo se dá no Oriente, entre os gregos unidos. — Annal. de la Prop. de la Foi, n. 47, p. 537.

[3] Ver nossa obra A profanação do domingo considerada do ponto de vista da saúde, da liberdade, da dignidade humana, etc., in-18.

[4] Essa harmonia se manifesta mais sensivelmente em nosso hemisfério, onde se encontra Roma, a mãe, a senhora e o modelo de todas as outras Igrejas: devia ser assim.

Revision #1
Created 28 November 2026 17:11:34 by Admin
Updated 28 November 2026 17:11:34 by Admin